

MARCAS NATURALISTAS EM *BOM CRIOULO*

Orientando: Lucas Negrão DE CARVALHO ¹

Orientador: Marcio SANCHES ²

RESUMO

O presente artigo é resultado de um estudo sobre os traços naturalistas no romance *Bom crioulo* de Adolfo Caminha, livro marco na história da literatura brasileira o qual inovou na época de seu lançamento por tratar de um tema tabu até então: a homossexualidade. Procuramos dissertar sobre como o autor desenvolve sua escrita em sintonia com as características do estilo da época, de forma que possamos perceber o desenrolar do enredo e as motivações que regem a trama fundamentadas pelas teses principais do movimento vigente. Destacamos no romance as passagens nas quais as personagens agem pelo instinto animal, base da teoria naturalista, sendo levadas a comprovar, desta forma, as marcas do Naturalismo na obra.

PALAVRAS-CHAVE

Naturalismo; Bom Crioulo; Adolfo Caminha.

Introdução

Nascido a 29 de maio de 1867 e falecido a primeiro de janeiro de 1897, com apenas 29 anos, Adolfo Caminha foi um dos grandes representantes da escola naturalista no Brasil, deixando seu nome gravado em nossa literatura. Dentro das mudanças que estavam ocorrendo no estilo de escrever, na segunda metade do século XIX, em busca de uma escrita mais voltada à realidade em detrimento à estética romântica, Caminha escreveu *Bom Crioulo*, oposto ao amor romântico e idealizado entre um homem e uma mulher da escola anterior, inovando ao elaborar sua trama na qual a relação amorosa dos protagonistas acontece entre dois homens e muito atrelada às necessidades biológicas.

Esta obra, publicada em 1895, é considerada por alguns estudiosos como o primeiro romance sobre a homossexualidade lançado no ocidente. Caminha, em seu livro, além de outras, explora uma característica comum do Naturalismo: o modo como o sexo, outrora velado, passa a ser mais explorado.

¹ Graduando em Letras - FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-920 – Avaré/SP – Brasil – lucas-negrao@hotmail.com

² Graduado em Letras - FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-920 – Avaré/SP – Brasil – marciosanches1968@bol.com.br

Com o advento do naturalismo, porém, tudo mudou. Passando a ser experimental e, portanto, científico, o romance adquiriu a todos os olhos importância e dignidade, deixou de representar um passatempo da categoria dos bordados. Já não se precisaria reger pelas preferências e melindres femininos. E o sexo, que dantes fôra banido das narrativas, entrou a ocupar uma posição exagerada, refletindo talvez uma mudança de ponto de vista em relação às mulheres. O determinismo biológico então em voga e as lições de Charcot sobre a histeria transformaram, efetivamente, em fêmeas os antigos anjos. (PEREIRA, 1957, p. 26).

No que se refere a essa mudança de abordagem sobre a mulher, o autor de *Bom Crioulo* foi mais longe, abordou também elementos que até então eram tabus, como a relação entre dois homens, entre pessoas de etnias diferentes e entre pessoas com diferença de idade, o que foi chocante na época, pois eram comuns valores que repudiavam tais relacionamentos. Vejamos um comentário de Valentim Magalhães, membro da Academia Brasileira de Letras, publicado em de novembro de 1895, no jornal *A Notícia*:

Ora o *Bom Crioulo* excede tudo quanto se possa imaginar de mais grosseiramente imundo. [...] não é um livro travesso, alegre, patusco, contando cenas de alcova ou de bordel, ou *noivados* entre as hervas, à lei do bom Deus, como no *Germinal*... nada disso. É um livro asqueroso, porque explora – primeiro a fazê-lo, que eu saiba – um ramo de pornografia até hoje inédito por inabordável, por anti-natural, por ignóbil. Não é, pois, sómente um livro *faisandé*: é um livro podre; é o romance-vômito, o romance-poia, o romance-pus. [...]. Este moço é um inconsciente, por obcecação literária ou perversão moral. Só assim se pode explicar o fato de haver ele achado literário tal assunto, de ter julgado que a história dos vícios bestiais de um marinheiro negro e boçal podia ser literariamente interessante. (MAGALHÃES, 1895, p. 1 *apud* HOWES, 2005, p. 173-174).

Outra crítica duríssima foi publicada no *Jornal do Comércio*, atribuída a José Veríssimo, escritor e estudioso da literatura brasileira:

Bom-crioulo é pior do que um mau livro: é uma ação detestável, literatura à parte. [...]. Como quer o Sr. Adolfo Caminha que seja respeitado e estimado um homem que, sem utilidade alguma social, passou longos dias ocupado em analisar e discutir a psicologia improvável de nauseantes crimes contra a natureza e tenta depois com isso despertar em nós o arrepio da curiosidade impura e mórbida? (VERÍSSIMO, 1895, p. 2 *apud* HOWES, 2005, p. 174).

Ao vermos o tom dessas críticas, podemos ter ideia da repercussão do livro, a polêmica causada, assim como sua importância na literatura brasileira, o que motivou sua escolha como *corpus* deste trabalho. Por meio de pesquisa bibliográfica, trabalhamos em embasar as argumentações para demonstrar as marcas da escola naturalista na obra de Caminha.

Análise do corpus

No enredo, Amaro, descrito como um homem de imponente musculatura e gentil, era um escravo que, após conseguir fugir, torna-se marinheiro, e como já é acostumado com a vida difícil da escravidão, consegue se adaptar facilmente à rigidez da marinha. Pelas suas qualidades, Amaro recebe a alcunha de “bom crioulo”. Ele se apaixona por Aleixo, um jovem marinheiro louro de olhos claros. A sua nova condição acaba fazendo com que mude de comportamento: bebidas, brigas, insubordinação e castigos ocorrem para defender Aleixo, que parece não ser tão recíproco no seu sentimento.

Depois de navegarem, desembarcam no Rio de Janeiro, onde passam a morar juntos em uma pensão. O quarto onde moram foi alugado de D. Carolina, ex-prostituta que já conhecia Amaro. A vida conjugal de ambos é interrompida, pois Amaro tem que voltar ao mar. Pelas obrigações de Amaro, passam a se ver muito pouco. Nesse ínterim o jovem Aleixo se envolve com D. Carolina e apaixona-se por ela, afastando-se de Amaro. O “bom crioulo” se entrega à bebida e às confusões e, por conta disso, vai para um hospital-prisão onde aumenta seu desespero quando descobre o envolvimento de Aleixo com D. Carolina. Consegue, então, fugir para tentar encontrar seu ex-companheiro. Ao encontrá-lo, Amaro assassina o jovem Aleixo com um golpe de navalha, terminando assim o romance.

Bom Crioulo é um clássico representante do Naturalismo, ou seja, aquele que indica a natureza do homem proveniente de fatores como o meio, o momento e a raça. Desta forma, este romance explora os instintos animais dos homens nos quais a consciência é vencida pela sexualidade e agressividade, surgindo assim cenas de sexo e violência.

A temática central do romance é o relacionamento entre dois homens e as dificuldades por ser um fato não muito bem aceito na sociedade da época. Junto com o enredo principal, aparecem também no romance outras abordagens como por exemplo as condições de vida dos marinheiros durante a segunda metade do século XIX, no Rio de Janeiro (vale lembrar que o autor trabalhou na Marinha). Algumas situações do romance baseiam-se na vivência do autor a bordo de navios, testemunhando o cotidiano dos marinheiros em condições precárias, além dos castigos sofridos, que já tinham sido denunciados por Caminha.

No que diz respeito à trama de relacionamentos, destaca-se a inovação do triângulo amoroso de Caminha, que foge do tradicional: dois homens disputando uma mulher ou duas mulheres disputando um homem; no romance existem um homem e uma mulher disputando um homem.

Caminha também baseou seu romance num triângulo erótico, mas, escrevendo numa cultura diferente, empregou simetrias e assimetrias diferentes. A rivalidade em *Bom-Crioulo* é entre um homem e uma mulher pelo corpo de um adolescente masculino. Superficialmente, esta rivalidade é apresentada através de uma série de binários opostos: homem/mulher, masculino/feminino, homossexual/heterossexual e branco/negro. (HOWES, 2005, p.184).

Neste triângulo, a relação entre os protagonistas é narrada de forma direta, sem preconceitos, e, muitas vezes, tratado como um vício ao qual os marinheiros Amaro e Aleixo estão aprisionados. Esse vício os une e os equipara, assim como a condição de servos da Marinha. A condição de ambos é determinada pelas leis naturalistas, fazendo-os agir de forma a responder aos instintos.

O autor apresentou sem pudores relacionamentos construídos pela força das necessidades fisiológicas, descrevendo tais impulsos de forma explícita, embora às vezes, mesmo sem ser de forma direta, o autor consegue sugerir situações: “O que eles fizeram, antes e depois do banho, ninguém saberá nunca. Os muros do quintal abafaram toda essa misteriosa cena de erotismo consumada ali por trás da Rua da Misericórdia num belíssimo dia de novembro” (CAMINHA, 1994, p.58).

Ao desenrolar seu enredo, Caminha deixa aparecer em suas descrições, comentários e explicações que são referências claras à escola naturalista como o determinismo formador dos indivíduos. O homem é, psicologicamente e fisicamente, construído pela natureza, seja para o bem, gerando indivíduos fortes, ou para mal gerando moléstias e fraquezas nos mesmos. Observemos um exemplo:

Meio dia quase e ainda não estava acabado o castigo. Seguia-se o terceiro preso, um latagão de negro, muito alto e corpulento, figura colossal de cafre, desafiando, com um formidável sistema de músculos, a morbidez patológica de toda uma geração cadente e enervada, e cuja presença ali naquela ocasião, despertava grande interesse e viva curiosidade: era o Amaro, gajeiro da proa, o bom crioulo na gíria de bordo. (CAMINHA, 1994, p.15).

Amaro tem características da sua raça, sua etnia “cafre” é a fonte de sua forma física, assim é ratificada a influência e a importância da origem étnica. Os demais carecem de tais atributos, pois são “vítimas” dos males da sua geração, de outro meio, e da origem e do contexto que os produziu.

Enquanto Amaro tem compleições físicas invejáveis, os demais eram inferiores na corpulência. Os seres são formados pelo meio e raça, não são entidades elevadas nem escolhem seu biotipo. “O homem nada é senão uma máquina guiada pela ação de leis físicas e químicas, pela hereditariedade e pelo meio físico e social” (COUTINHO, 1999, p. 12).

O momento em que nasce o interesse de Amaro por Aleixo é descrito da seguinte forma:

Sua amizade ao grumete nascera, de resto, como nascem todas as grandes afeições, inesperadamente, sem precedentes de espécie alguma, no momento fatal em que seus olhos se fitaram pela primeira vez. Esse movimento indefinível que acomete ao mesmo tempo duas naturezas de sexo contrários, determinando o desejo fisiológico da posse mútua, essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom-Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho. Nunca experimentara semelhante cousa, nunca homem algum ou mulher produziu tão esquisita impressão, desde que se conhecia! Entretanto, o certo é que o pequeno, uma criança de quinze anos, abalara toda a sua alma, dominando-a, escravizando-a logo, naquele mesmo instante, como a força magnética de um ímã. (CAMINHA, 1994, p.21.)

Sexo, raça e idade não impedem o envolvimento, a atração não tem motivação simplesmente no sentimento, é desejo, mais do que isso, é “desejo fisiológico”, desses que movem os animais. Apesar de o autor se referir ao impulso que vai do macho para fêmea, e, no romance, serem dois homens, não modifica o fato de que a força superior agindo ser a da natureza. Segundo Afrânio Coutinho: “A visão da vida no naturalismo é mais determinista, mais mecanicista: o homem é um animal, presa de forças fatais e superiores e impulsionado pela fisiologia em igualdade de proporções que pelo espírito ou a razão” (1975, p.189).

Amaro é movido por essa força natural, a qual todo animal está fadado a não resistir. Embriagado por esse desejo, ele fica dominado por tamanha volúpia, chegando a mudar de comportamento.

Nas horas de folga, no serviço, chovesse ou caísse fogo em brasa do céu, ninguém lhe tirava da imaginação o petiz: era uma perseguição de todos os instantes, uma ideia fixa e tenaz, um relaxamento da vontade irresistivelmente dominada pelo desejo de unir-se ao marujo, como se ele fora de outro sexo, de possui-lo, de tê-lo junto a si, de amá-lo, de gozá-lo! (CAMINHA, 1994, p. 23).

Ora sexo, ora sentimento, as razões se misturam: possuir, estar junto, amar e gozar. Mas o que prevalece é força maior da natureza, o instinto enraizado da preservação da espécie que é supremo em todos os seres vivos e superior a todas as outras vontades. Amaro deseja Aleixo “como se fora de outro sexo”. Apesar de não serem um casal

tradicional, essa comparação contribui para ratificar o comportamento das personagens pelo estilo do Naturalismo, que, nesta fase da literatura brasileira, é típico. “O Realismo se tingirá de *naturalismo*, no romance e no conto, sempre que fizer personagens e enredos submeterem-se ao destino cego das “leis naturais” (...)” (BOSI, 1982, p. 187).

Leis naturais extrapolam a razão humana, ao descrever o sentimento de Amaro apreciando as formas de Aleixo, o bom crioulo sente-se inebriado, reações orgânicas explodem em seu corpo:

Veja logo... murmurou o pequeno, firmando-se nos pés. Bom-Crioulo ficou extático! A brancura láctea e maciça daquela carne tenra punha-lhe frêmitos no corpo, abalando-o nervosamente de um modo estranho, excitando-o como uma bebida forte, atraindo-o, alvoroçando-lhe o coração. Nunca vira formas de homem tão bem torneadas, braços assim, quadris rijos e carnudos como aqueles.... Faltavam-lhe os seios para que Aleixo fosse uma verdadeira mulher! Que beleza de pescoço, que delícia de ombros, que desespero! (CAMINHA, 1994, p.39).

A personagem não tem controle sobre si, as forças que regem seu corpo estão além do racional, ou seja, como seres apenas biológicos, agindo movidos pela carne. Segundo Rodrigues: “... o homem é um escravo da sociedade ou do seu próprio corpo. Tenta demonstrar que o corpo humano é controlado por leis transcendem a vontade e a moral do homem ” (1979, p. 151).

Dentro desse viés, é comum nos romances naturalistas a zoomorfização do homem, isto é, sua identificação com o animal, sem valores éticos e morais, à mercê do impulso. No trecho a seguir é mostrado como Amaro se sente:

Dentro do negro rugiam desejos de touro ao pressentir a fêmea... todo ele vibrava, demorando-se na idolatria pagã daquela nudez sensual como um fetiche diante de um símbolo de ouro ou como um artista diante duma obra prima. Ignorante e grosseiro, sentia-se, contudo, abalado até os nervos mais recônditos, até às profundezas do seu duplo ser moral e físico, dominado por um quase respeito cego pelo grumete que atingia proporções de ente sobrenatural a seus olhos de marinheiro rude. (CAMINHA, 1994, p.39).

As proporções descomuns, a cegueira, a idolatria, tudo é indicação de algo que não pode ser controlado, a força incontestante da natureza, a força biológica surge na comparação com o animal touro:

O Naturalismo enfatiza o aspecto materialista da existência, vendo o homem como um produto biológico, cujo comportamento é resultado da pressão do ambiente social e da hereditariedade psicofisiológica. O homem passa a ser encarado como um ser impulsionado pelos instintos (por isso são frequentes as comparações com animais), que, por sua vez, são despertados pelas condições do meio social. (TUFANO, 1983, p.69).

Em outra passagem a zoomorfização também ocorre na descrição do sentimento que Aleixo sente em face a mulher desejada:

O grumete, por sua vez, experimentava o que experimentaria qualquer adolescente uma tendência fatal para a portuguesa, um forte desejo de possuí-la sempre, sempre, a toda hora, uma vontade irresistível de mordê-la, de cheirá-la, de palpá-la num frenesi de gozo, num grande ímpeto selvagem de novilho insaciável. (CAMINHA, 1895, p.58).

O jovem Aleixo, apesar da pouca idade, já não apresenta a inocência dos jovens da escola anterior, como diz Bosi: “A adolescência, fagueira e pura na pena de Macedo, conhecerá a tristeza do vício precoce no *Bom Crioulo*, de Caminha ...” (1982, p. 192).

Diferentemente da escola romântica, as atitudes das personagens são motivadas por razões muito diferentes do amor puro e inocente; nesta o que há é a frieza dos instintos, o impulso animal é descrito cruamente, o desejo é zoomorfizado. Enquanto Amaro é comparado a um touro, Aleixo é comparado a um novilho que tem sua vontade enunciada com toques puramente animais ao citar os termos “morder” e “cheirar” a fêmea.

Os animais, o cio, essas marcas continuam a frequentar o romance sempre a justificar os sentimentos das personagens. Amaro, ao saber do envolvimento de Aleixo com outra pessoa, é tomado por sentimento voraz:

Agora é que tinha um desejo enorme, uma sofreguidão louca de vê-lo, rendido a seus pés, como um animalzinho; agora é que lhe renasciam ímpetos vorazes de novilho solto, incongruências de macho em cio, nostalgias de libertino feroso.... As palavras de Herculano (aquela história do grumete com uma rapariga) tinham-lhe despertado o sangue, fora como uma espécie de urtiga brava arranhando-lhe a pele, excitando-o, enfurecendo-o de desejo. Agora sim, fazia questão! E não era somente questão de possuir o grumete, de gozá-lo como outrora, lá cima, no quatinho da Rua da Misericórdia: era questão de gozá-lo, maltratando-o, vendo-o sofrer, ouvindo-o gemer.... Não, não era somente o gozo comum, a sensação ordinária, o que ele queria depois das palavras de Herculano: era o prazer brutal, doloroso, fora de todas as leis, de todas as normas... E havia de tê-lo, custasse o que custasse! (CAMINHA, 1895, p.74).

Há, ainda, outra anomalia: o sadismo, o prazer do sofrimento alheio. O desejo agora, além de prazer biológico, fruto do instinto de sobrevivência, torna-se algo distorcido, patológico segundo Massaud Moisés:

A ciência, que informa o Realismo exterior, transfere-se para dentro do romance naturalista a fim de cooperar na luta que se travava contra os males da educação romântica. Mas também se buscava apoio da ciência para a visão pessimista da realidade, fruto de se destacarem, predominantemente, os aspectos patológicos anormais, conduzindo não raro ao obsceno ou asqueroso. (1983, p. 28).

Essa patologia pode se ilustrar na confusão de sentimentos nos quais Amaro deseja o sofrimento do antigo amante junto ao prazer próprio. Esse prazer sexual de infligir dor física ao parceiro consiste em um padrão de comportamento sexual no qual a fonte predominante de prazer não se encontra no ato sexual em si, mas em outra motivação. Esse desvio de comportamento também pode ser encarado com um traço do movimento, já que este se apropria de teses científicas: "... o naturalismo dele se diferencia por conduzir a ciência para o plano da obra de arte, fazendo desta como que meio de demonstração de teses científicas, especialmente de psicopatologia" (SODRÉ, 1965, p.30).

Dessa forma o autor constrói seu romance apoiado nessas características da escola naturalista como a patologia, a genética e o determinismo em que o homem é resultado, logo, sem livre arbítrio. O protagonista de *Bom Crioulo* se enquadra na galeria de personagens clássicos do determinismo fatídico, segundo Bosi:

O determinismo reflete-se na perspectiva em que se movem os narradores ao trabalhar as suas personagens. A pretensa neutralidade não chega ao ponto de ocultar o fato de que o autor carrega sempre de tons sombrios o destino das suas criaturas. Atente-se, nos romances desse período, para a galeria de seres distorcidos ou acachapados pelo Fatum: o mulato Raimundo, a negra Bertoleza, Pombinha, o "Coruja", de Aluizio Azevedo; Luzia-Homem, de Domingos Olímpio; Sergio de Raul Pompeia; os protagonistas de *A Normalista* e de *Bom Crioulo* de Adolfo Caminha. (198, p. 192).

O final trágico encerra o romance. A trajetória dos protagonistas foi marcada por ações guiadas por seus impulsos animais, a tese de Caminha é de que as personagens centrais são impotentes quanto à natureza instintiva.

Caminha foi inovador por usar um tema forte e ousado, que fez com que o romance se tornasse um ponto alto, um clássico do Naturalismo e da nossa literatura em geral.

Considerações finais

O presente artigo fez uma análise da obra *Bom Crioulo* de Adolfo Caminha destacando trechos nos quais se mostram evidentes as características da fase da literatura brasileira denominada Naturalismo. Podemos perceber que, de uma forma bem explícita, o autor se municia de temas comuns da referida escola como por exemplo a zoomorfização, a prevalência dos instintos e a supremacia dos impulsos orgânicos sobre a razão para elaborar seu texto. Essas marcas na obra a tornaram ícone na história de nossa literatura, seja com a repercussão gerada na época, seja na forma clássica de literatura naturalista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.

CAMINHA, Adolfo. **Bom Crioulo**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

COUTINHO, Afrânio (Dir.). **A Literatura no Brasil – Era Realista/Era de Transição**. 5 ed.. São Paulo: Global, 1999.

HOWES, Robert. **Raça e sexualidade transgressiva em *Bom-Crioulo* de Adolfo Caminha**. Revista da Pós-Graduação em Letras – UFPB: João Pessoa, Vol. 7., N. 2/1, 2005 – p. 171-190.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira – Realismo**. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1983.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da Literatura Brasileira – de 1870 a 1920**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1957.

RODRIGUES, A. Medina [et al.]. **Antologia da Literatura Brasileira**. São Paulo: Marco Editorial, 1979.

SODRÉ, Néelson Werneck. **O Naturalismo no Brasil**. 2 ed.. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

TUFANO, Douglas. **Estudos de Literatura Brasileira**. rev. e ampl. 3 ed.. São Paulo: Ed. Moderna, 1983.